

23 JAN 1991 VILLAS-BÔAS CORRÊA

Fase inaugural esgotada

Mais importante do que julgar se alcançou êxito completo, apenas relativo ou se fracassou nos seus objetivos principais é, a esta altura, simplesmente reconhecer que a primeira fase do governo esgotou-se e que ele próprio antecipou-se à iniciativa de propor reciclagem, admitindo zerar quase tudo para salvar o essencial.



Claro que o presidente Collor de Mello não pode desdizer-se e abrir um entendimento político que, por exemplo, recue do compromisso de enfrentar a inflação como seu adversário prioritário.

Tudo bem. Entre as pontas do radicalismo medeia largo espaço para a movimentação dos interessados em acertar os ponteiros da boa convivência.

É bom lembrar que Collor só está na presidência da República porque seguiu o risco do sucesso. Elementar, mas nem tanto. O que importa reconhecer é que os defeitos que hoje se incriminam a Collor e aos cacetes do seu governo em declarado processo revisionista são o avesso das qualidades ou características que pavimentaram o caminho aventureiro e vitorioso da arrancada do governo de Alagoas ao Palácio do Planalto.

O presidente elegeu-se firmando a imagem do candidato escoteiro, do caminhante solitário, sem ligações e compromissos com partidos e lideranças decaídos da estima popular e, ao contrário, inconformado com a desmoralização de tudo quanto se identificava com a atividade política tradicional. Assim abriu espaço entre os favoritos de véspera da faixa conservadora, dando a volta por cima das armações de legendas poderosas e classificou-se no primeiro turno como a alternativa centrista para enfrentar Luís Inácio Lula da Silva, representante da esquerda que despachou Leonel Brizola.

A decisão do segundo turno mostrou que Collor conseguira invadir a retaguarda popular. Por isso, e por muitas outras razões sabidas, ganhou à parada.

Do jeito que se elegeu inaugurou o governo, firmando estilo espetaculoso, de ímpeto heróico, açodado, a querer salvar a pátria em mutirão destrambelado.

Reconheça-se que muita coisa deu certo. E mais: só foi possível a implosão de velhos vícios consagrados por longa tolerância e notória cumplicidade, graças ao início estouvado e de temerária ousadia. Assim ruíram mordomias com a idade de Brasília: dos chapas-brancas leiloados em lotes às mansões da Península Sul, ninho de ministros e dos filhotes do poder, e aos apartamentos funcionais degradados pelo uso indevido dos apaniguados.

No galope de abertura, o governo reduziu, cortando fundo o monstro burocrático, fechando repartições inúteis e superpostas e enxugando os inchados quadros de funcionários, como demissões em massa, aposentadorias e disponibilidades.

Cometeu injustiças aos montes; a pressa, que é íntima da levianidade, conduziu a erros palmares na avaliação da eficiência administrativa.

Descontos à parte, o começo foi sensacional.

Acontece que o presidente e sua equipe econômica cometeram a imprudência tática de vincular o êxito do governo à luta contra a inflação. Não fez por menos: o governo passou a ser julgado pelos seus índices mensais.

Teimosa, resistente, a inflação derrotou politicamente o governo. Se ele se justifica alegando que deteve a hiperinflação que se anunciava como calamidade inevitável, baixou o tom triunfalista para desculpas sussurradas com humildade pela ministra Zélia Cardoso de Mello e com a modesta lucidez do Antonio Kandir.

Teimosa, resistente, a inflação derrotou politicamente o governo

Nem tiro na testa do tigre, detonando a bala única do caçador afoito, nem previsões de sucessos a curto prazo. Nada de marcar data para a reversão da curva que vai as-

sinhalando o esvaziamento político e a queda da popularidade do governo.

O insucesso do plano antiinflacionário arrasta tudo o mais à revisão crítica. A máquina burocrática, que pouco fazia, desmantelou-se de vez. Emagreceu, mas a dieta provocou funda anemia que a paralisa. Não consegue reestruturar-se, e a reforma empacou.

Também não foi adiante o ambicioso plano de privatização, ora submetido à severidade de contestações.

De repente, Collor reconheceu que o governo, aos dez meses, esgotara seu modelo. Necessitava, portanto, de urgentíssima reformulação. Desde as cabeçadas da articulação do acordo nacional com empresários e empregados, busca saída.

Parece que caiu na real e volta-se para a insubstituível articulação política. Tateia às apalpadelas nas sondagens iniciais aos novos governadores e, simultaneamente, procura armar esquema de sustentação parlamentar no Congresso, que se instala daqui a nove dias, a 1º de fevereiro.

Muita água ainda escoará debaixo da pinguela, antes que se defina o quadro de apoio e de oposição ao governo. O monturo de ressentimentos acumulado nesses dez meses de desabrida imaturidade terá que ser removido pelo reconhecimento de singela evidência: temos pela frente quatro anos e dois meses de governo Collor. E que, portanto, precisa ser viabilizado. Até porque, além de legítimo, é insubstituível.